

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE ODONTOLOGIA / INSTITUTO DE PSICOLOGIA
CURSO DE GRADUAÇÃO EM FONOAUDIOLOGIA**

**ESTUDO COMPARATIVO DOS ASPECTOS FONÉTICO-FONOLÓGICOS DO
DIALETO PORTUGUÊS BRASILEIRO FALADO POR DESCENDENTES DE
IMIGRANTES ALEMÃES E POR IMIGRANTES ALEMÃES NATIVOS
RESIDENTES NO RIO GRANDE DO SUL.**

MARTINA SULEK

Orientador: Prof. Marcio Pezzini França

Trabalho de conclusão de curso apresentado
como exigência parcial para obtenção
do título de bacharel
em Fonoaudiologia da UFRGS.

**PORTO ALEGRE
2012**

Agradecimentos

Agradeço aos meus pais, Protásio e Carmen, meus maiores exemplos. Obrigada pela dedicação, confiança, amor e apoio constantes. Agradeço por sempre me incentivarem a estudar e a buscar meus sonhos. Tudo o que sou hoje devo a vocês!

Agradeço aos meus queridos irmãos, Tato e Zeca, meus melhores amigos, por serem tão companheiros e pacientes comigo. Muito obrigada pelo apoio e pelos ensinamentos que me passaram. Às minhas cunhadas, Beba e Gi, obrigada pelo apoio e pela torcida, mesmo à distância.

Agradeço ao meu padrinho, tio Frentz, por ser um dos maiores incentivadores dessa minha jornada. Muito obrigada pelo apoio nos momentos difíceis, pelas risadas e por esse carinho imenso que sempre demonstraste por mim. Agradeço também à minha prima-irmã, Ingrid, por me aceitar na sua casa e por alegrar meus dias com esse sorriso sapeca. À Mari, obrigada pela torcida e pelo apoio. Vocês são meu segundo lar! Obrigada por tudo!

Agradeço aos meus avôs, Afonso e Adolfo, e à minha avó, Maria, que já partiram, mas que em vida sempre desejaram que seus netos buscassem um futuro melhor. À minha querida vó Anita, agradeço pelo carinho e cuidado depositados em mim desde a infância.

Agradeço ao prof. Marcio França que, com muita paciência e atenção, dedicou seu tempo para me orientar em cada etapa desse trabalho.

À prof. Elisa Battisti, agradeço pelo grande apoio e incentivo, e pela ajuda bibliográfica, os quais foram fundamentais para a realização e conclusão desse trabalho.

Agradeço a todos que, mesmo não estando citados aqui, contribuíram para a conclusão dessa etapa da minha vida.

"O sucesso nasce do querer, da determinação e da persistência em se chegar a um objetivo."

José de Alencar

SUMÁRIO

ARTIGO

1. Introdução	5
1.1. Imigração Alemã	6
2. Método	7
3. Caracterização dos Sujeitos da Pesquisa	8
3.1. Grupo de Descendentes de Imigrantes	8
3.1.1. Sujeito 1	8
3.1.2. Sujeito 2	8
3.1.3. Sujeito 3	9
3.2. Grupo de Imigrantes Nativos	9
3.2.1. Sujeito 1	9
3.2.2. Sujeito 2	10
3.2.3. Sujeito 3	10
4. Resultados	11
5. Discussão	16
6. Considerações Finais	18
Referências	18

Anexo 1 - Texto Foneticamente Balanceado

Anexo 2 – Alfabeto Fonético Internacional (IPA)

Anexo 3 - Diretrizes para publicação (revista Cadernos do IL-UFRGS)

Apêndice 1 - Questionário de Entrada no Estudo

Apêndice 2 - Termo de consentimento Livre e Esclarecido

ESTUDO COMPARATIVO DOS ASPECTOS FONÉTICO-FONOLÓGICOS DO DIALETO PORTUGUÊS BRASILEIRO FALADO POR DESCENDENTES DE IMIGRANTES ALEMÃES E POR IMIGRANTES ALEMÃES NATIVOS RESIDENTES NO RIO GRANDE DO SUL.

COMPARATIVE STUDY OF THE PHONETIC-PHONOLOGIC ASPECTS OF BRAZILIAN PORTUGUESE DIALECT SPOKEN BY DESCENDANTS OF GERMAN IMMIGRANTS AND OF NATIVE GERMAN IMMIGRANTS LIVING IN RIO GRANDE DO SUL.

Martina Sulek*
Márcio Pezzini França**

RESUMO: Este trabalho tem por objetivo estudar a interferência da língua alemã no dialeto português brasileiro falado por descendentes de imigrantes alemães e imigrantes alemães nativos, residentes no Rio Grande do Sul. Assim, foram comparadas as características fonética-fonológicas da fala de seis sujeitos, sendo três descendentes de imigrantes e três imigrantes nativos, divididos em dois grupos. Foi feita transcrição fonética de uma entrevista contendo dez perguntas abertas e de um texto foneticamente balanceado em português lido em voz alta. Em ambos os grupos foram observadas alterações fonéticas. Estas, porém, foram em maior número no Grupo de Nativos, possivelmente devido ao período tardio de início de contato com a língua portuguesa brasileira.

PALAVRAS-CHAVE: fonoaudiologia; sociolinguística; dialeto; sotaque.

ABSTRACT: This paper aims to study the German language interference on the Brazilian Portuguese dialect spoken by descendants of Germans immigrants and by natives Germans immigrants, living in Rio Grande do Sul. Thus, were compared the phonetic-phonologic characteristics of speech of six people, three descendants of Germans immigrants and three natives Germans immigrants, that were divided in two groups. Was done phonetic transcription of an interview containing ten open questions and of a text phonetically balanced in Portuguese which was read out loud. In both groups were observed phonetic alteration. These, however, were more frequently in Natives' Group, due, possibly, to the late period of contact with the Brazilian Portuguese language.

KEYWORDS: speech-language pathology; sociolinguistics; dialect, accent.

1. Introdução

A linguística investiga os fenômenos relacionados à linguagem e busca estabelecer os princípios e características que regulam as estruturas das línguas (SILVA, 2007). A sociolinguística estuda a língua inserida dentro de um contexto social e, dentro desse contexto, a língua torna-se mais do que um meio para os falantes comunicarem-se. Ela transforma-se na identidade daqueles que a compartilham, fazendo com que ela seja a característica de um grupo de pessoas, capaz de ser identificada até mesmo por

* Acadêmica do Curso de Fonoaudiologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul: martinasulek@hotmail.com

** Professor Adjunto da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Doutor pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul: marcio@franca.bio.br

indivíduos que não estão inseridos no mesmo contexto social (CALLOU e LEITE, 2002).

A língua oferece pistas que tornam possível identificar se um falante é português, italiano, alemão, e mais do que isso, sendo brasileiro identificar se o falante é nordestino, mineiro, gaúcho (CALLOU e LEITE, 2002). É possível, portanto, identificar se um indivíduo é ou não falante nativo da língua em questão (SILVA, 2007).

Dentro de uma sociedade é possível encontrar muita variedade linguística, e em se tratando da população brasileira temos essa variação bastante enfatizada, havendo grande número de dialetos até mesmo em pequenos grupos que vivem na mesma região. Essa extensa variação da língua brasileira pode ser explicada pelo processo histórico de colonização nos séculos passados, onde muitas regiões colonizadas ainda mantêm traços originais do seu dialeto (CALLOU e LEITE, 2002; ILARI et al., 2006).

Os movimentos migratórios são fenômenos que sempre fizeram parte da humanidade, ocorrendo pelos mais variados motivos, como a busca por melhores condições de vida e bem-estar para si e para a família e perseguições políticas e religiosas (SANTIN, 2011). Nesses movimentos migratórios, eram poucos os indivíduos que conheciam a língua do país de destino. A segunda língua era aprendida, geralmente, já na vida adulta.

Os falantes de uma segunda língua trazem, normalmente, características da sua língua materna, e essas características podem facilitar ou retardar o aprendizado da L2 (ARAÚJO et al., 2010).

Indivíduos expostos a L2 tardiamente, raramente adquirem competências iguais a da L1, pois não adquirem por completo as estruturas linguísticas básicas. Já se a aprendizagem de uma segunda língua tem por objetivo uma comunicação básica, ela pode ser aprendida no período pós-infância (ARAÚJO et al., 2010).

1.1. A imigração alemã

A imigração alemã no Rio Grande do Sul teve início em 1824, trazendo consigo a língua, a cultura e as tradições. Os povos vieram de diversas regiões da Alemanha possuindo dialetos próprios e peculiaridades linguísticas, não sendo homogênea, portanto, a língua alemã falada nessas regiões de colonização (PRADE, 2003).

Na época da imigração, a Alemanha já havia extinguido o analfabetismo há muito tempo, tendo nesses imigrantes arraigada a ideia de ter uma profissão obrigatória. O povo alemão vindo ao Brasil foi responsável pela instrução e pela construção das primeiras escolas onde eles mesmos ministravam as aulas (PRADE, 2003; TESCHE, 2000, p. 75 in AZAMBUJA, 2002; KREUTZ, 1994, p. 146 in AZAMBUJA, 2002).

Os imigrantes alemães, representando vários dialetos e descendências, falavam e escreviam tanto no alemão padrão quanto no seu dialeto, e essas duas formas em contato com o português brasileiro ocasionaram em mais variedades. A própria língua alemã passou por diversas transformações, trazendo grande influência linguística ao português brasileiro falado nessas regiões de colonização alemã (PRADE, 2003).

Nas colônias de imigração alemão, ouve-se muito a *deutsch-brasilianische Sprachmischung*, ou seja, a mistura do alemão com o português, no qual persiste a tendência

de empregar substantivos em português no meio de frases em alemão, ou a de germanizar verbos da língua portuguesa através do acréscimo da terminação *-ieren* no radical latino. (PRADE, 2003, p. 86)

A influência da imigração afeta não somente aqueles que falam o dialeto alemão, mas todas as pessoas que vivem na mesma região de imigração. No Rio Grande do Sul cerca de um quarto da população tem como antepassados imigrantes alemães (GÄRTNER, 1999 in AZAMBUJA, 2003). Aqueles em contato com o dialeto apresentam interferências na sua fala, havendo diversas trocas, sendo a mais comum a de fonemas sonoros por surdos (PRADE, 2003).

Tem-se como objetivo desse estudo, uma comparação do dialeto português falado por descendentes de imigrantes alemães e do dialeto português falado por nativos desse país que residem no Rio Grande do Sul.

2. Método

Trata-se de um estudo transversal, descritivo, qualitativo, desenhado para avaliar o dialeto português dos sujeitos da pesquisa, por meio de entrevista contendo perguntas abertas e de leitura de um texto foneticamente balanceado. Tem como fator de estudo o português brasileiro falado por pessoas bilíngues, e como desfecho a variação linguística ocasionada por esse contato.

A amostra foi constituída por três adultos descendentes de imigrantes alemães e por três adultos nativos da Alemanha, totalizando seis sujeitos.

Para o grupo de descendentes (GD) foram incluídos sujeitos maiores de 18 anos, de ambos os sexos, que tiveram a língua alemã como língua materna (L1) e que iniciaram a utilização do português (L2) quando ingressaram na escola. Para o grupo de nativos (GN), foram incluídos sujeitos maiores de 18 anos, de ambos os sexos, que tiveram a língua alemã como L1 e que estão no Brasil há no mínimo um ano. Foram excluídos entre os descendentes, aqueles que relataram ter morado na Alemanha por mais de um ano; entre os nativos, foram excluídos os que vieram para o Brasil ainda crianças. Em ambos os grupos foram excluídos os sujeitos que apresentaram algum sinal de analfabetismo.

Como instrumentos para coleta de amostra de fala, foi feita uma entrevista contendo dez perguntas abertas (Apêndice 1) e foi utilizado um texto foneticamente balanceado em português (Anexo 1) para leitura em voz alta. O texto dirige o leitor a produzir o maior número de fonemas e de possibilidades da língua portuguesa brasileira e permite comparar a fala dos sujeitos dos grupos.

Foi tomado como referência o dialeto português brasileiro falado na cidade de Porto Alegre - RS, capital do estado, a fim de se comparar com o dialeto falado pelos participantes da pesquisa. Para transcrição fonética, foi utilizado o Alfabeto Fonético Internacional (Anexo 2).

Os participantes do Grupo de Descendentes foram selecionados por conveniência, todos residentes em uma cidade do Rio Grande do Sul com forte colonização de alemães. Os participantes do Grupo de Nativos foram selecionados também por conveniência, a partir de indicação do Sujeito 1 desse grupo. Os dados foram armazenados em um gravador de áudio digital, da marca Panasonic e modelo RR-

US395, e decodificados em forma de transcrição fonética. Foi realizada uma análise descritiva a fim de verificar as diferenças e semelhanças no arcabouço fonético, bem como a tendência de realização de certos fonemas em ambos os grupos.

Esse projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da UFRGS e os sujeitos assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Apêndice 2).

3. Caracterização dos Sujeitos da Pesquisa

3.1. Grupo de Descendentes de Imigrantes (GD)

Os sujeitos pertencentes ao GD foram selecionados em uma cidade do noroeste do Rio Grande do Sul colonizada por alemães.

3.1.1. Sujeito 1: Sexo feminino, 57 anos, comerciante

Começou a aprender português brasileiro com 5 anos de idade, quando ingressou na escola. Relatou ter bastante dificuldade nesse aprendizado, pois não sabia falar nada em português e sua professora não sabia falar em alemão, tendo que ensinar os alunos por meio de mímica.

/nĩ'geyⁿ ã'teyⁿdʒia e nãwⁿ sa'bia fa'lar
'nada eyⁿ portɔ'ges (...) 'ela ten'tava pa'sar pra
nos o portɔ'ges seyⁿ kowⁿdʒi'soyⁿs de fa'zer
'uma tradɔ'sãwⁿ (...) a 'ʒente 'era
awfabetʃi'zada mas a 'ʒente sɔ sa'bya ler/

Fala com frequência a língua alemã e diz que falar alemão é um dos requisitos para os funcionários de sua loja, devido ao grande número de pessoas (idosas, principalmente) que não sabem falar português.

/en'tãwⁿ a 'ʒente pre'siza sa'ber fa'lar o
alemãwⁿ por'ke 'eles se 'senteyⁿ mays
kowⁿfor'taveys eyⁿ pe'dʒir as 'koyzas eyⁿ
ale'mãwⁿ/

3.1.2. Sujeito 2, sexo feminino, 44 anos, lojista

Assim como o Sujeito 1, iniciou o aprendizado da língua portuguesa brasileira quando ingressou na escola, aos 6 anos, aproximadamente. Relatou que aprendeu o português com propriedade aos 10 anos, e que o ensino da língua portuguesa como disciplina escolar iniciou somente na quinta série.

/afo ke ew 'tʃĩŋa ups des 'ãnos 'kwãdo
nos pe'gãmo o portɔ'ges/

Relatou que a maior dificuldade no aprendizado da língua portuguesa brasileira foi a interferência da língua alemã.

/por 'kawza do ale'mãwⁿ ke nɔs 'era uɲs
ale'mãwⁿ/

3.1.3. *Sujeito 3, sexo masculino, 22 anos, microempresário e técnico em informática*

Começou a aprender português quando estava no jardim de infância, aos 4 anos de idade, relatando que as maiores dificuldades aconteciam nos momentos de se comunicar e de brincar com os colegas.

/as ma'yɔres dʒifiv'dades 'forãwⁿ de se
komɔni'kaʃ kowⁿ os ko'legas e as bri'ka'deyras
ke sa'iãwⁿ por ew fa'lar kowⁿ so'take
dʒife'rente 'deles/

Quando perguntado o que outras pessoas pensam sobre seu sotaque, ele relatou que acredita que pessoas de outras regiões identificam sua origem alemã apenas o ouvindo falar.

/as pe'soas de 'owtra reʒi'ãwⁿ peʃ'sebeyⁿ
ke 'nɔso so'take po'suy iⁿflɔ'eyⁿsya dʒi'reta da
'liⁿgʊa ale'mã/

3.2. *Grupo de Imigrantes Nativos (GN)*

Os sujeitos do GN foram selecionados a partir de indicações do Sujeito 1.

3.2.1. *Sujeito 1, sexo masculino, 53 anos, professor universitário*

Começou a aprender português com 30 anos, assim que chegou ao Brasil, pois onde estudava não havia ensino de língua portuguesa brasileira. Relatou que os obstáculos no aprendizado foram devido às dificuldades com línguas estrangeiras, quando ainda estava no colégio na Alemanha.

/ew me esfor'sey 'muyⁿto sa'pia ke nawⁿ
'tiɲa 'muyⁿta kapasi'tatʃ eyⁿ 'liⁿkwa estrãⁿ'fɛra
ki 'forãwⁿ as pi'ɔres ma'teryas na is'kɔla
(...)'ɔndʒi ew estɔ'dey nãwⁿ 'tiɲa potɔ'ges na
ale'maɲa nãwⁿ se apren'tia 'muyⁿto nɔⁿ se 'tiɲa
'komo estɔ'tar nɛ en'tɔⁿ se estɔ'tava a'ki/

O Sujeito 1 está no Brasil há 23 anos e encontra dificuldades quando necessita dar respostas muito curtas e entender palavras antigas, que não fazem mais parte do dia-a-dia.

/as 'vezes 'kwãndo 'falo kowⁿ pe'soas ke
teyⁿ ke ta 'uma Res'pōsta 'muyⁿto 'kuRta 'uma
pa'lavra 'sabe (...)kwãndo saw pa'lavras
'muyⁿto an'tigas ki as pe'soas por e'zemplo
apren'derãwⁿ na es'kola 'kwando leyⁿ litera'tura
'klasika 'esas ew 'nuⁿka apren'ti nē/

3.2.2. *Sujeito 2, sexo masculino, 57 anos, bibliotecário*

Chegou ao Brasil aos 30 anos, quando iniciou o aprendizado da língua portuguesa brasileira. Segundo o próprio participante, seu sotaque é bastante forte, dizendo que seus amigos linguistas acham muito “estranho e inexplicável” ele ter esse jeito de falar, mesmo estando no Brasil há bastante tempo.

/'teŋo uⁿ so'take bēyⁿ 'foRtʃe (...) ew
'teŋo u^{ns} a'migos ke sawⁿ liⁿgwistas e ke
'dizeyⁿ ke ε 'uma 'koyza 'muyⁿto es'tRana e
'kwaze inespli'kavel ke mew so'take e tawⁿ
'foRtʃ/

O sujeito 2 trabalha como bibliotecário em um instituto de língua alemã, e quando perguntado sobre a frequência com que fala sua língua materna, ele respondeu que ainda fala com bastante frequência, porém fala mais a língua portuguesa brasileira, que aprendeu, segundo ele, simplesmente falando.

/ew apRen'di simplis'mentʃ fa'lando (...)
poRtō'ges 'sempRe foy 'uⁿ dos idi'omas ke ew
mays kos'tey/

3.2.3. *Sujeito 3, sexo feminino, 22 anos, estudante*

Está no Brasil há 16 meses, onde cursa pedagogia. Antes de vir ao país, conheceu uma menina brasileira que lhe ensinou algumas palavras, porém, como não havia curso de português na sua cidade, chegou ao Brasil conhecendo pouco a língua. O aprendizado do português deu-se através da convivência com as pessoas do lugar onde trabalhava e através de um curso que fez.

/so apren'di 'umas 'pokas 'koyzas kowⁿ
'uma brazi'leyra ke mo'rava na 'miŋa si'dade
mas nawⁿ 'tiŋa 'kuXso na 'miŋa si'dade in'tawⁿ
ew fuy pra bra'ziʃ seyⁿ sa'beR 'kwazi 'nada (...)
ew traba'lava 'nōma 'krēʃe i apren'di la i
tãmbeyⁿ fis uⁿ 'kuso/

Relatou que no início sua dificuldade foi de compreender as pessoas e, mais ainda, de se expressar. No momento, disse possuir maior dificuldade para compreender as pessoas em sala de aula, quando a linguagem é mais formal se comparada com a linguagem do dia-a-dia.

/priⁿsipa^lmentʃ nas 'awlas a'ki ke a
'liⁿgwa nuⁿ 'otro 'niveʃ ke 'dʒia dʒi (...) i fa'la
'sobre 'temas 'beyⁿ kom'pleksos e dʒi'fisiw/

4. Resultados

O quadro abaixo expõe as substituições fonéticas encontradas no dialeto do Grupo de Descendentes, utilizando como referência o dialeto português brasileiro falado em Porto Alegre (RS).

Quadro 1 – Substituições realizadas pelo Grupo de Descendentes.

<p>♀ 57 anos Comerciante</p>	<ul style="list-style-type: none"> - substituições sistemáticas de /ʊ/ por /o/ (ex.: /a'lɔnos/) - substituições sistemáticas de /dʒi/ final por /de/ (ex.: /atʃivi'dade/) - substituições sistemáticas de /tʃi/ final por /te/ (ex.: /bas'tãnte/) - substituições assistemáticas de /i/ por /e/ (ex.: /in'tãwⁿ/ ; /en'tãwⁿ/) - substituições sistemáticas de /ɣ/ por /r/ (ex.: /ko'rɛta/)
<p>♀ 44 anos Lojista</p>	<ul style="list-style-type: none"> - substituições sistemáticas de /ʊ/ por /o/ (ex.: /'aʃo/) - substituições sistemáticas de /i/ por /e/ (ex.: /'eles/) - substituições assistemáticas de /ɣ/ por /r/ (ex.: /ri'zada/) - substituições assistemáticas de /ɣ/ por /r/ (ex.: /reda'sãwⁿ/) - substituições assistemáticas de /tʃi/ final por /te/ (ex.: /'ʒente/ ; /'ʒeⁿtʃi/) - substituições sistemáticas de /dʒi/ final por /de/ (ex.: /'dezde/)
<p>♂ 22 anos Microempresário e Técnico em Informática</p>	<ul style="list-style-type: none"> - substituições sistemáticas de /ʊ/ por /o/ (ex.: /briⁿkedo/) - substituições sistemáticas de /r/ em coda por /ʃ/ (ex.: /en'traʃ/) - substituições sistemáticas de /tʃi/ final por /te/ (ex.: /bas'tãnte/) - substituições sistemáticas de /dʒi/ final por /de/ (ex.: /i'dade/) - substituições sistemáticas de /ɣ/ por /r/ (ex.: /reʒi'ãwⁿ/) - substituições sistemáticas de /i/ por /e/ (ex.: /es'kɔla/) - substituições sistemáticas de /w/ por /ʎ/ (ex.: /kapi'taʎ/)

O Quadro 2 apresenta as substituições fonéticas encontradas no dialeto do Grupo de Nativos, utilizando como referência o dialeto português brasileiro falado em Porto Alegre (RS).

Quadro 2 – Substituições realizadas pelo Grupo de Nativos.

<p>♂ 53 anos Professor Universitário</p>	<ul style="list-style-type: none"> - substituições assistemáticas de /tʃi/ por /tXi/ (ex.: /an'tXiga/) - substituições assistemáticas de /tʃi/ por /ti/ (ex.: /'tiŋa/) - substituições assistemáticas de /tʃi/ por /tʃ/ (ex.: /kapasi'tatʃ/) - substituições assistemáticas de /dʒi/ final por /tʃi/ (ex.: /si'datʃi/) - substituições assistemáticas de /dʒi/ final por /de/ (ex.: /de/) - substituições assistemáticas de /dʒi/ por /ti/ (ex.: /apren'tya/) - substituições assistemáticas de /dʒi/ final por /di/ (ex.: /Reapren'di/) - substituições assistemáticas de /ɛ/ por /e/ (ex.: /a'te/) - substituições assistemáticas de /e/ por /ɛ/ (ex.: /apren'di/) - substituições assistemáticas de /i/ por /e/ (ex.: /is'kola/ ; /es'kɔla/) - substituições assistemáticas de /ã/ por /a/ (ex.: /'ano/) - substituições assistemáticas de /ʊ/ final por /o/ (ex.: /afo/) - substituições assistemáticas de /o/ por /ɔ/ (ex.: /'tɔys/) - substituições assistemáticas de /ɔ/ por /o/ (ex.: /is'kola/) - substituições assistemáticas de /g/ por /k/ (ex.: /a'kɔra/ ; /ko'migo/) - substituições assistemáticas de /d/ por /t/ (ex.: /'tɔys/) - substituições sistemáticas de /z/ por /s/ (ex.: /tesa'fiw/) - substituições assistemáticas de /b/ por /p/ (ex.: /sa'pia/) - substituições assistemáticas de /ɾ/ coda por /R/ (ex.: /es'taR/ ; /kow^pvɛRsa) - substituições assistemáticas de /ɾ/ onset por /R/ (ex.: /oRoRi'zado/ ; /a'kɔra/) - substituições assistemáticas de /ɣ/ por /R/ (ex.: /Res'pɔsta/) - substituições assistemáticas de /v/ por /f/ (ex.: /'famos/ ; /'vamos/)
<p>♂ 57 anos Bibliotecário</p>	<ul style="list-style-type: none"> - substituições assistemáticas de /tʃi/ por /tʃ/ (ex.: /simplis'mentʃ/) - substituições assistemáticas de /tʃi/ final por /tʃe/ (ex.: /'fɔRtʃe/) - substituições assistemáticas de /dʒi/ por /di/ (ex.: /idi'omas/) - substituições assistemáticas de /ɛ/ por /e/ (ex.: /bisi'kleta/ ; /'ɛRa/) - substituições assistemáticas de /e/ por /ɛ/ (ex.: /beiⁿ/ ; /pe'keno/) - substituições assistemáticas de /i/ por /e/ (ex.: /es'paso/ ; /intaw^p/) - substituições sistemáticas de /ã/ por /a/ (ex.: /'gaŋo/) - substituições sistemáticas de /ʊ/ final por /o/ (ex.: /'afo/)

	<ul style="list-style-type: none"> - substituições assistemáticas de /ɔ/ por /o/ (ex.: /montã'ηosa/ ; /sɔ/) - substituições assistemáticas de /g/ por /k/ (ex.: /a'micos/ ; /figu'Riņas/) - substituições assistemáticas de /z/ por /s/ (ex.: /'musika/ ; /'kaza/) - trocas sistemáticas de /r/ por /R/ (ex.: /te'atRo/ ; /fi'kaR/ ; /o'Riʒeyⁿ/) - substituições sistemáticas de /y/ por /R/ (ex.: /Reʒy'owⁿ/) - substituições sistemáticas de /w/ por /ʎ/ (ex.: /medye'vaʎ/ ; /'fasiʎ/) - omissão assistemática de /l/ em encontro (ex.: /fo'Rɛsta/) - substituições assistemáticas de /ʒ/ por /ʃ/ (ex.: /vã'n'taʃeyⁿ/ ; /o'Riʒeyⁿ/)
<p style="text-align: center;">♀ 22 anos Estudante</p>	<ul style="list-style-type: none"> - substituições assistemáticas de /tʃi/ por /ti/ (ex.: /'tiņa/ ; /'tʃiņa/) - substituições assistemáticas de /dʒi/ final por /di/ (ex.: /apren'di/) - substituições assistemáticas de /dʒi/ final por /de/ (ex.: /atʃivi'dades/ ; /'owⁿdʒi/) - substituições assistemáticas de /ɛ/ por /e/ (ex.: /'era/) - substituições assistemáticas de /e/ por /ɛ/ (ex.: /beiⁿ/ ; /beiⁿ/) - substituições assistemáticas de /i/ por /e/ (ex.: /'eles/ ; /'kwazi/) - substituições assistemáticas de /ã/ por /a/ (ex.: /ve'rawⁿ/ ; /kri'ãⁿsas/) - substituições assistemáticas de /ʊ/ final por /o/ (ex.: /'komo/ ; /'aʃʊ/) - substituições assistemáticas de /ɔ/ por /o/ (ex.: /so'ziŋo/ ; /sɔ/) - substituições assistemáticas de /z/ por /s/ (ex.: /'mɔsika/ ; /'kwazi/) - substituições assistemáticas de /r/ em coda por /X/ (ex.: /'kɔXso/) - substituições assistemáticas de /r/ em coda por /R/ (ex.: /lɔ'gaR/) - substituições assistemáticas de /r/ em coda por /r/ (ex.: /maⁿr/) - substituições assistemáticas de /r/ em coda por /a/ (ex.: /'seato/) - omissão assistemática de /r/ em coda (ex.: /peto/ ; /oportõni'dade/)

O Quadro 3 mostra todas as ocorrências sistemáticas de substituições fonéticas entre os sujeitos do Grupo de Descendentes.

Quadro 3 – Substituições sistemáticas no GD.

Substituição de /ʊ/ final por /o/	Sistemática nos três sujeitos.
Substituição de /dʒi/ final por /de/	Sistemática nos três sujeitos.
Substituição de /tʃi/ final por /te/	Sistemática nos três sujeitos.
Substituição de /ɣ/ por /r/	Sistemática nos sujeitos 1 e 3.
Substituição de /i/ inicial por /e/	Sistemática nos sujeitos 2 e 3.
Substituição de /r/ em coda por /ʀ/	Sistemática no sujeito 3.
Substituição de /w/ em final de sílaba por /ʎ/	Sistemática no sujeito 3.

O Quadro 4 mostra todas as ocorrências sistemáticas de substituições fonéticas entre os sujeitos do Grupo de Nativos.

Quadro 4 – Substituições sistemáticas no GN.

Substituição de /z/ por /s/	Sistemática no Sujeito 1.
Substituição de /ʊ/ por /o/	Sistemática no Sujeito 2.
Substituição de /r/ por /R/	Sistemática no Sujeito 2.
Substituição de /ã/ por /a/	Sistemática no Sujeito 2.
Substituição de /w/ por /ʎ/	Sistemática no Sujeito 2.

O Quadro 5 apresenta todas as substituições fonéticas encontradas e compara a ocorrência entre os sujeitos de ambos os grupos.

Quadro 5 – Comparação das substituições realizadas por ambos os grupos.

	GD	GN
Substituição de /tʃi/ por /tXi/		Assistemática no Sujeito 1.
Substituição de /tʃi/ por /ti/		Assistemática em todos os Sujeitos.
Substituição de /tʃi/ final por /te/	Sistemática nos Sujeitos 1 e 3. Assistemática no Sujeito 2.	
Substituição de /tʃi/ por /tʃ/		Assistemática nos Sujeitos 1 e 2.
Substituição de /tʃi/ final por /tʃe/		Assistemática no Sujeito 2.
Substituição de /dʒi/ final por /tʃi/		Assistemática no Sujeito 2.
Substituição de /dʒi/ por /ti/		Assistemática no Sujeito 1.
Substituição de /dʒi/ por /di/		Assistemática no Sujeito 2.
* Substituição de /dʒi/ final por /de/	Sistemática em todos os Sujeitos	Assistemática em todos os Sujeitos.

Substituição de /dʒi/ final por /di/		Assistemática em todos os Sujeitos.
Substituição de /ɛ/ por /e/		Assistemática em todos os Sujeitos.
Substituição de /e/ por /ɛ/		Assistemática em todos os Sujeitos.
* Substituição de /i/ por /e/	Sistemática nos Sujeitos 2 e 3. Assistemática no Sujeito 1.	Assistemática em todos os Sujeitos.
Substituição de /ã/ por /a/		Assistemática nos Sujeitos 1 e 3. Sistemática no Sujeito 2.
* Substituição de /ʊ/ final por /o/	Sistemática nos três Sujeitos.	Assistemática nos Sujeitos 1 e 3. Sistemática no Sujeito 2.
Substituição de /ɔ/ por /o/		Assistemática em todos os Sujeitos.
Substituição de /o/ por /ɔ/		Assistemática no Sujeito 1.
Substituição de /g/ por /k/		Assistemática nos Sujeitos 1 e 2.
Substituição de /d/ por /t/		Assistemática no Sujeito 1.
Substituição de /z/ por /s/		Sistemática no Sujeito 1. Assistemática nos Sujeitos 2 e 3.
Substituição de /b/ por /p/		Assistemática no Sujeito 1.
Substituição de /r/ coda por /R/		Assistemática nos Sujeitos 1 e 3. Sistemática no Sujeito 3.
Substituição de /r/ em coda por /X/		Assistemática no Sujeito 3.
* Substituição de /r/ em coda por /r/	Sistemática no Sujeito 3.	Assistemática no Sujeito 3.
Substituição de /r/ em coda por /a/		Assistemática no Sujeito 3.
Substituição de /ɣ/ por /r/	Sistemática nos Sujeitos 1 e 3. Assistemática no Sujeito 2.	
Substituição de /ɣ/ por /r/	Assistemática no Sujeito 2.	
Substituição de /ɣ/ por /R/		Assistemática no Sujeito 1. Sistemática no Sujeito 2.
Substituição de /r/ onset por /R/		Assistemática no Sujeito 1. Sistemática no Sujeito 2.
Omissão de /r/ em coda		Assistemática no Sujeito 3.
Substituição de /v/ por /f/		Assistemática no Sujeito 1.
* Substituição de /w/ final por /h/	Sistemática no Sujeito 3.	Sistemática no Sujeito 2.
Substituição de /ʒ/ por /ʒ/		Assistemática no Sujeito 2.
Omissão de /l/ em encontro		Assistemática no Sujeito 2.

*Substituições que ocorrem em ambos os grupos.

5. Discussão

Como pôde ser observado nos Quadros 1 e 2, ocorre um número maior de substituições fonéticas no GN comparado com o GD, fato que pode ser explicado pela idade de início do contato com a língua portuguesa brasileira dos sujeitos 1, 2 e 3 do Grupo de Nativos, sendo que todos adquiriram o português no período pós-infância (30, 30 e 19 anos, respectivamente). Já os sujeitos do Grupo de Descendentes, adquiriram o português ainda na infância (5, 6 e 4 anos, respectivamente). De acordo com a literatura, indivíduos que são expostos à L2 tardiamente, raramente obtêm competências iguais à de sua língua materna, pois não adquirem por completo as estruturas linguísticas básicas (ARAÚJO et al, 2010).

A partir dos Quadros 3 e 4, é possível observar que o Grupo de Descendentes, mesmo apresentando menor número de substituições totais, apresenta mais substituições sistemáticas. Essas substituições são as que ocorrem de maneira padronizada, ou seja, sempre que o fonema estiver em determinada posição, o sujeito irá utilizá-lo da mesma maneira. O fato de o Grupo de Nativos apresentar menor frequência de substituições sistemáticas pode também ser devido à idade de início de contato com a língua portuguesa brasileira, possuindo menor domínio sobre ela se comparado com os indivíduos do GD.

O aprendizado de uma segunda língua sofre grande influência da L1, e esta pode facilitar ou retardar a aquisição da L2 (ARAÚJO et al., 2010). Tomando como L1 a língua alemã, têm-se nesta diversos fonemas que não são encontrados na língua portuguesa brasileira ou então, que têm diferentes aplicações na palavra. Pode-se ter como exemplo a palavra alemã “rot”, que significa “vermelho”, e em transcrição fonética têm-se /Rot/. Já a palavra portuguesa “rato”, que possui o mesmo grafema de “rot”, é falada de maneira distinta, mesmo estando na mesma posição da palavra em alemão: /yɑtʊ/. Na língua alemã, o grafema “r” é falado como /R/ sempre que estiver no início da palavra, onset, coda medial e encontro consonantal, diferente do português brasileiro, onde o “r” é falado como /r/ quando está no início da palavra ou quando é duplo (“rr”), e falado como /r/ em onset, coda medial, final e encontro consonantal.

De acordo com Callou et al (1998), dois fonemas “r” são frequentemente propostos na análise fonológica do português: o “r” simples, ou tepe alveolar, e o “r” múltiplo. Em Porto Alegre (RS) é mais comum a utilização do fricativo velar vozeado (/ɣ/) como “r” múltiplo. Já na língua alemã, o tepe alveolar não é encontrado, e o “r” múltiplo é o vibrante uvular (/R/).

Essas diferenças entre a língua portuguesa brasileira e a língua alemã afetam, portanto, o dialeto português falado pelos sujeitos do GN, como pode ser observado, principalmente, no Sujeito 2 desse grupo, que faz uso sistemático do /R/ em todas as posições. Já os outros sujeitos fazem uso assistemático do /R/, e essa substituição se faz mais presente na posição de coda.

No Grupo de Descendentes não é encontrada a substituição de /ɣ/ e /r/ por /R/ como no GN, mas sim a troca de /ɣ/ por /r/. Nesse grupo é importante atentar para o fato de que o alemão falado por eles é diferente do alemão dos sujeitos do GN. Como aparece no discurso de um dos sujeitos da pesquisa observado abaixo, o alemão falado pelo GD é “aportuguesado”, ou seja, a construção das frases mescla as línguas (BAHIA, 2001, p. 72).

/...o nōso alemãwⁿ ε muyⁿto falado
tjipo apōrtōgezado (...) teyⁿ muyⁿtas palavras
ke nãwⁿ ezisteyⁿ no alemãwⁿ (...) ke neyⁿ
namorar eyⁿ alemãwⁿ signifika “iç libe diç” ew
ãmo vose ne e nōs falãmos asiⁿ “iç namoriren
diç” .../

O que ocorre no caso acima observado é o emprego da terminação -ieren no radical latino. De acordo com Prade (2003, in CUNHA e GÄRTNER p.86) essa mistura do português com o alemão é conhecida como *deutsch-brasilianische Sprachmischung*, e é bastante comum em colônias de imigração alemã.

Para exemplificar a diferença do alemão falado pelos sujeitos do GD, podemos utilizar a palavra da língua alemã /gaRaʒã/, que no dialeto alemão do Grupo de Descendentes é falada como /garaʒ/. Tomando como exemplo a palavra /Rot/ anteriormente apresentada temos ela no dialeto alemão do GD falada como /rot/. Essa diferença entre o dialeto alemão falado pelo Grupo de Descendentes e pela língua alemã falada pelo Grupo de Nativos aparece no discurso do primeiro grupo, onde são frequentes as trocas de /y/ por /r/ onset, sendo inclusive sistemática no Sujeito 3 do GD.

A substituição de /w/ coda medial e final por /l/ pode também ser observada nos sujeitos da pesquisa de ambos os grupos. Tanto na língua alemã quanto no dialeto alemão, o grafema “l” em coda medial - e por vezes final - é convertido como o fonema /l/. Podemos citar como exemplo as seguintes palavras da língua alemã: mal = /mał/ (que em português significa “vezes”), halb = /hałp/ (que em português significa “metade”) e alter = /ełtsa/ (que em português significa “idade”). Já no português brasileiro falado na cidade de Porto alegre-RS, tem-se o grafema “l”, tanto em coda medial quanto final, convertido como uma semivogal /w/. A sistematicidade da troca em um sujeito do GD e em um sujeito do GN pode ser indicativa da influência da L1 sobre a L2.

Ocorre também a substituição de /ʊ/ final por /o/, sistemática nos três sujeitos do Grupo de Descendentes, no Sujeito 2 do Grupo de Nativos, e assistemática no restante dos sujeitos do GN. Assim como nas outras substituições anteriormente expostas, acontece a influência da língua alemã sobre a língua portuguesa brasileira, sendo que no alemão o fonema /o/ final não é falado como /ʊ/ como ocorre no português brasileiro falado em Porto Alegre, mas sim como /o/, observado na palavra kilo - /kilo/ (que significa quilo em português).

Outras substituições fonéticas (/dʒi/ por /de/, /tʃi/ por /te/, /i/ por /e/) parecem não se apoiar na influência do alemão no português. Essas substituições podem, por hipótese, estar ligadas a uma transcrição da escrita para a fala.

Observando as substituições realizadas pelos sujeitos de ambos os grupos, observa-se que todos trazem influência de sua L1. Além disso, a assistemática da maioria das trocas dos sujeitos do GN pode ser indicativa de um constante aprendizado sobre a língua portuguesa, onde ora o sujeito emprega um fonema, ora emprega outro. Vale ressaltar que, apesar das inúmeras trocas encontradas nos sujeitos dos grupos, principalmente do Grupo de Nativos, não houve comprometimento na compreensão durante a interação, o que corrobora com a literatura. Segundo os autores (LEMHÖFER et al. 2010; BONNOTO, 2005 *apud* ARAÚJO et al. 2010), quando o objetivo do aprendizado de uma segunda língua é uma comunicação básica, ela pode ser aprendida no período pós-infância.

6. Considerações Finais

Diante do estudo realizado, observou-se que as substituições fonéticas encontradas no dialeto português em ambos os grupos tiveram influência da L1. Como foi apresentado, mesmo os sujeitos pertencentes ao Grupo de Descendentes, que iniciaram o aprendizado da língua portuguesa brasileira ainda na infância, possuem diversas substituições, sendo algumas, inclusive, iguais às dos sujeitos do Grupo de Nativos.

Quanto à relevância deste estudo, reconhecemos que a população do Rio Grande do Sul tem uma forte colonização alemã, ao lado da italiana, de modo que seus descendentes, mesmo não tendo contato direto com nativos contemporâneos, permanecem sob forte interferência cultural dos imigrantes que colonizaram o estado no século XIX. Isso por si só, justifica a reflexão proposta por este trabalho, ainda mais, quando se observa certa escassez de referências sociolinguísticas sobre a temática desenvolvida. Portanto, uma linha de pesquisa aberta para novos projetos e aprendizados.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Leticia Maria Martins; FENIMAN, Mariza Ribeiro; CARVALHO, Fernanda Ribeiro Pinto de; LOPES-HERRERA, Simone Aparecida. Ensino da Língua Inglesa: contribuições da fonética, fonologia e do processamento auditivo. *Pró-Fono – Revista de Atualização Científica*, Barueri, v. 22, n. 3, p. 183-188, jul/set. 2010.

AZAMBUJA, Lissi Bender. Língua alemã - Um legado dos imigrantes alemães para Santa Cruz do Sul - RS. Tese (Mestrado em Desenvolvimento Regional) - UNISC, Santa Cruz do Sul, RS. Editora EDUNISC, 2002. Disponível em <<http://www2.brasilalemanha.com.br/tese2.htm>>. Acesso em 18 de março de 2012.

BAHIA, Joana. A "lei da vida": confirmação, evasão escolar e reinvenção da identidade entre os pomeranos. *Educação e Pesquisa (online)*, São Paulo, v. 27, n. 1, p. 72, jan/jun. 2001. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/ep/v27n1/a05v27n1.pdf>>. Acesso em 15 de Novembro de 2012.

CALLOU, Dinah; MORAES, João; LEITE, Yonne. Apagamento do R Final no Dialeto Carioca: um Estudo em Tempo Aparente e em Tempo Real. *DELTA: Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada (online)*, São Paulo, v. 14, *special issue*, 1998. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-44501998000300006&script=sci_arttext>. Acesso em 14 de novembro de 2012.

PRADE, Helga Guttenkunst. O linguajar do alemão gaúcho. In: CUNHA, Jorge Luiz da, GÄRTNER, Agelika. *Imigração alemã no Rio Grande do Sul: História, Linguagem, Educação*. Editora UFSM. Santa Maria, 2003.

ILARI, Rodolfo; BASSO, Renato. *O português da gente: a língua que estudamos, a língua que falamos*. São Paulo: Contexto, 2006.

LEITE, Yonne; CALLOU, Dinah. *Como falam os brasileiros*. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.

SANTIN, Silvino. Textos sobre a colonização italiana. Atualizado em 26 de outubro de 2011. Disponível em <<http://silvinosantin.wordpress.com/2011/10/26/textos-sobre-a-colonizacao-italiana>>. Acesso em 16 de março de 2012.

SILVA, Thaïs Cristóforo. Fonética e fonologia do português: roteiro de estudos e guia de exercícios. 9 ed. – São Paulo: Contexto, 2007.

UCL: University College London - Division of Psychology and Language Sciences - Faculty of Brain Sciences, London. Disponível em <[http://www.langsci.ucl.ac.uk/ipa/IPA_chart_\(C\)2005.pdf](http://www.langsci.ucl.ac.uk/ipa/IPA_chart_(C)2005.pdf)>. Acesso em 16 de outubro de 2012.

TEXTO FONETICAMENTE BALANCEADO (TAUCCI e BIANCHINI, 2007)

O dia amanheceu bonito na fazenda. A viagem da noite anterior havia sido muito cansativa. O problema na direção do carro demorou a ser resolvido e por isso chegamos tarde e fomos logo dormir.

Naquela manhã o vaqueiro apareceu cedo trazendo o leite e uma cesta com biscoitos. Tínhamos um dia cheio pela frente, no entanto bem diferente do que estávamos acostumados na capital. Tivemos sorte de poder participar de um rodeio divertido, onde o peão deveria montar zebras, girafas e elefantes no lugar de tradicionais cavalos e touros. Que ideia absurda!

Tiago, zelador do sítio onde ocorreria o rodeio, resolveu exibir com orgulho o prêmio que ganhou naquela brincadeira. Já o último colocado, que era um homem húngaro, acabou machucando o joelho. Antes do encerramento ocorreu outro incidente: uma égua invadiu o estádio, assustando toda a plateia. O dia foi ótimo e compensou o cansaço de ontem!

DIRETRIZES PARA AUTORES – Cadernos do IL - UFRGS

- Formatação: os trabalhos devem ter no mínimo 7 mil palavras e no máximo 10 mil palavras e devem ser escritos com formato .doc, folha tamanho A4, margens de 3 cm, fonte Times New Roman, espaçamento simples, com entrada de parágrafo de 1,25cm e sem numeração de páginas.

- Título: no alto da primeira página, centralizado, grafado em maiúsculas, corpo 16, negrito.

- Título em inglês: Abaixo do título no idioma do trabalho, deve ser inserido obrigatoriamente o título em inglês, centralizado, grafado em maiúsculas, corpo 16, negrito.

- Identificação: o nome do autor deve aparecer dois espaços simples abaixo do título em inglês, justificados à direita, corpo 12, sem negrito, com maiúsculas apenas para iniciais, seguido(s) de nota de rodapé marcada por asterisco (ou mais de um asterico no caso de mais de um autor), indicando vínculo e instituição, maior titulação, instituição em que foi obtido o maior título, agência de fomento e número do processo (quando houver) e e-mail (p. ex., professor na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, doutor pela Universidade de São Paulo, bolsista de produtividade do CNPq (Processo 92137-2012): professor@ufrgs.br). Quando houver mais de um autor, os nomes devem ser dispostos um abaixo do outro, sendo um asterisco para o primeiro autor, dois para o segundo, três para o terceiro e assim sucessivamente.

- Resumo: dois espaços simples abaixo do(s) nome(s) do(s) autor(es), justificado à esquerda, precedido da palavra RESUMO com dois pontos, em negrito, itálico, maiúsculas e corpo 10. O texto deve ter entre 80 e 120 palavras, estar em itálico, minúsculas e corpo 10, sem entrada de parágrafo e ser seguido a um espaço simples das palavras-chave.

- Palavras-chave: precedidas da expressão PALAVRAS-CHAVE com dois pontos, em negrito, itálico, maiúsculas e corpo 10, devem ser até quatro, separadas por ponto e vírgula, com ponto final e sem entrada de parágrafo, em itálico, minúsculas e corpo 10, sendo seguidas a um espaço simples da versão do resumo em inglês.

- Abstract: é obrigatória a inserção do resumo em inglês após as palavras-chave, justificado à esquerda, precedido da palavra ABSTRACT com dois pontos, em negrito, itálico, maiúsculas e corpo 10. O texto deve estar em itálico, minúsculas e corpo 10, sem entrada de parágrafo e ser seguido a um espaço simples das palavras-chave.

- Keywords: é obrigatória a inserção das palavras-chave em inglês após o abstract, precedidas da expressão KEYWORDS com dois pontos, em negrito, itálico, maiúsculas e corpo 10, devem ser até quatro, separadas por ponto e vírgula, com ponto final e sem entrada de parágrafo, em itálico, minúsculas e corpo 10, sendo seguidas a um espaço simples do resumo em outra língua estrangeira, da epígrafe ou do início do trabalho.

- Resumé/Resumen/Zusammenfassung: é opcional a inserção de resumo em qualquer outra língua, justificado à esquerda, precedido da palavra RESUMÉ/RESUMEN/ZUSAMMENFASSUNG com dois pontos, em negrito, itálico, maiúsculas e corpo 10. O texto deve estar em itálico, minúsculas e corpo 10, sem entrada de parágrafo e ser seguido a um espaço simples das palavras-chave.

-Mots-clés/Palabras-clave: é opcional a inserção de palavras-chave em qualquer outra língua, precedidas da expressão MOTS-CLÉS/PALABRAS-CLAVE com dois pontos, em negrito, itálico, maiúsculas e corpo 10, devem ser até quatro, separadas por ponto e vírgula, com ponto final e sem entrada de parágrafo, em itálico, minúsculas e corpo 10, sendo seguidas a um espaço simples da epígrafe ou do início do trabalho.

- Títulos de seção: precedidos de dois espaços simples e seguidos de um espaço simples, em negrito, numerados e sem entrada de parágrafo.

- Títulos de subseção: precedidos de dois espaços simples e seguidos de um espaço simples, em itálico, com entrada de parágrafo e numerados.

- Citações:

- As citações com menos de três linhas devem ser incorporadas ao texto entre aspas duplas e seguidas do nome do autor, ano da obra e página entre parênteses: (PARRET, 1988, p. 234).

- As citações com mais de três linhas devem ser apresentadas com margem própria de 4cm, corpo 10, sem aspas, separadas do texto antecedente e precedente por um espaço e seguidas das referências, como, por exemplo, (CÂNDIDO, 1995, p. 19).

- Se o nome do autor estiver citado dentro do texto seguido de uma citação direta de trecho do texto, indica-se data e página entre parênteses. Ex: Chomsky (1981, p. 100) assinala que "a faculdade da linguagem...".

- Se o nome do autor estiver citado dentro do texto sem citação direta de trecho do texto, indica-se apenas a data, entre parênteses. Ex: Silva (1987) assinala que...

- Nunca usar idem ou idem, ibidem.

- Notas: exclusivamente explicativas, em rodapé, numeradas sequencialmente em algarismos arábicos, apresentadas em espaçamento simples, corpo 10, justificado à esquerda.

- Tabelas, Quadros e Gráficos: precedidos de dois espaços simples e seguidos de dois espaços simples. O título deve estar em fonte 12 e centralizado, sendo precedido da palavra Tabela/Quadro/Gráfico (apenas a inicial em maiúscula), seguida de numeração consecutiva em algarismos arábicos, seguida de travessão e do respectivo título; Quadro 1 - Normas dos Cadernos do IL. As tabelas devem ser reservadas para números.

- Figuras:

- Devem estar incorporadas no texto, com indicação da fonte em corpo 10, precedida da palavra "Fonte" (apenas a inicial em maiúscula) e de dois pontos, no canto superior direito da figura: (Fonte: SILVA, 1987, p. 73).

- Se forem enviadas em arquivo à parte, em formato .jpg ou .tif, em resolução 300 dpi, e deve ser indicado, no corpo do texto, o local onde a figura deve ser inserida.

- A legenda deve estar abaixo da figura, sem espaçamento, precedida da palavra "Figura" (apenas a inicial em maiúscula), seguida de numeração consecutiva com algarismos arábicos, sucedida de travessão e da respectiva legenda: Figura 2 - Texto.

- A revista não se responsabiliza pela solicitação ou pelo pagamento de direitos autorais referentes às imagens incorporadas ao artigo. A obtenção de autorização para a publicação de imagens, de autoria do próprio autor do artigo ou de terceiros, é de responsabilidade do autor. Por essa razão, para todos os artigos que contenham imagens, deve ser encaminhada por correio postal uma declaração, assinada pelo autor do artigo, de que o uso da imagem foi autorizado, sem qualquer ônus para os Cadernos do IL.

- Referências: deve ser digitada em corpo 12, maiúsculas e negrito, a dois espaços simples abaixo da última linha textual, seguida, um espaço após, das referências citadas no trabalho, as quais devem ser ordenadas alfabeticamente, em espaço simples, justificado à margem esquerda.

- Livro de um autor: DOSTOIEVSKI, Fiodor Mikhailovitch. O jogador. Tradução Moacir Werneck de Castro. 2a ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1993.

- Livro de mais de um autor: ORLANDI, Eni Puccinelli; GUIMARÃES, Eduardo; TARALLO, Fernando. Vozes e contrastes: discurso na cidade e no campo. São Paulo: Cortez, 1989.

- Capítulo de livro de mesmo autor: CANDIDO, Antonio. Os primeiros baudelairianos. In: _____. A educação pela noite & outros ensaios. São Paulo: Ática, 1987, p. 23-28.

- Capítulo de livro de autor diferente: GUIMARÃES, Eduardo. Independência e morte. In: ORLANDI, Eni Puccinelli (Org.). Discurso fundador: a formação do país e a construção da identidade nacional. Campinas, SP: Pontes, 1993. p. 27-30.

- Periódico (coleção): INFORMAÇÃO E CULTURA. Porto Alegre: Diretório Estadual de Cultura, 1976-1989. GLOBO RURAL. São Paulo: Rio Gráfica, 1985-.

- Artigo de periódico (especializado ou não – jornais diários, revistas semanais, etc.): MATEUS, Maria Helena Mira. Unidade e variação na língua portuguesa: memória colectiva e memória fraccionada. Organon – Revista do Instituto de Letras da UFRGS, Porto Alegre, v. 8, n. 21, p. 35-42, jan. 1994.

- Trabalho acadêmico: ANGORAN, Anasthasie Adjoua. Gonçalves de Magalhães, Cruz e Sousa e Solano Trindade: três manifestações da presença francesa na literatura brasileira; um olhar africano. 2004. 381f. Tese (Doutorado em Letras) – Instituto de Letras, UFRGS, Porto Alegre, RS.

- Anais, congressos, seminários, encontros: CONGRESSO DA ABRALIC, 3, 1995, São Paulo. Anais: Limites. São Paulo: Edusp/ABRALIC, 1995.

- Site: PEREIRA, Claudiany. Meu mundo ruiu. Argumento. Atualizado em 09 dez. 2005. Disponível em: <http://www.argumento.net/littera/index.shtml>. Acesso em: 09 dez. 2005.

- Filme: VINGANÇA. Tony Scott (Dir.). Estados Unidos: Hunt Lowry, Paris Filmes, 1989. 1 filme (124 min), son., color., 35mm. Título original: Revenge. Legendas em português.

- CD: GLOBO COLLECTION JAZZ. Rio de Janeiro: Globo, 1995. 1 CD com 13 faixas (60min 18seg).

- CD-ROM: MICROSOFT. Cinemania 97. Estados Unidos, Penguin Books, 1996. 1 CD. Windows 95, SVGA.

- No caso de mais de um material com o mesmo autor, a partir do segundo material, o nome do autor é substituído por uma linha contínua de seis toques seguida de ponto final, conforme exemplo abaixo:

ARROJO, Rosemary. Tradução, desconstrução e psicanálise. São Paulo: Imago, 1993.

_____. Oficina de tradução. São Paulo: Ática, 1999.

- Referências de mesmo autor e mesmo ano devem ser especificadas através de letras minúsculas, em ordem alfabética, seguindo-se ao ano da publicação, tanto nas referências como no corpo do artigo, conforme o exemplo abaixo:

PERRONE-MOISÉS, Leyla. Vinte luas: viagem de Paulmier de Gonneville ao Brasil 1503-1505. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1996a.

_____. Da cólera ao silêncio. Cadernos de literatura brasileira, São Paulo, n. 2, p. 61-77, set. 1996b.

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE ODONTOLOGIA/INSTITUTO DE PSICOLOGIA
CURSO DE GRADUAÇÃO EM FONOAUDIOLOGIA**

QUESTIONÁRIO DE ENTRADA NO ESTUDO

Dados do entrevistado:

- Nome:
 - Idade:
 - Cidade de origem:
-

1. Qual sua atividade profissional?
2. O que você faz para se divertir?
3. Como é sua cidade de origem?
4. Como foi sua infância? O que você fazia para se divertir?
5. Como foi o aprendizado da língua portuguesa? Quais foram as maiores dificuldades?
6. Com quantos anos você começou a aprender português?
7. Você fala com frequência sua primeira língua? Acredita que ela deveria ser mais difundida nas escolas?
8. Você possui alguma dificuldade para se comunicar?
9. O que você acha do seu sotaque? E o que você acha que outras pessoas pensam do seu sotaque ou do sotaque da sua região?
10. Acredita que pessoas de outras cidades e de outros estados que não conhecem você conseguem identificar sua origem apenas ouvindo você falar?

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE ODONTOLOGIA/INSTITUTO DE PSICOLOGIA
CURSO DE GRADUAÇÃO EM FONOAUDIOLOGIA**

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Caro participante,

Estamos realizando uma pesquisa com o objetivo de avaliar o sotaque de pessoas que possuem descendência de imigrantes alemães ou italianos.

Esta pesquisa está sendo realizada como projeto de conclusão de curso de graduação em Fonoaudiologia de uma acadêmica da Universidade Federal do Rio Grande do Sul sob orientação de um professor da mesma Universidade.

Os sujeitos que aceitarem livremente participar da pesquisa, após leitura, aceitação e assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido serão submetidos a uma entrevista e à leitura de um texto. Sua participação nesta pesquisa compreenderá responder a um questionário e suas respostas serão gravadas e utilizadas apenas a fim de estudo. Este estudo não implica em nenhum risco para sua saúde, apenas a disponibilidade de tempo para responder aos questionários, que pode demorar em torno de 40 minutos.

As entrevistas serão feitas em seu local de trabalho ou residência, em data/horário previamente agendados. Para fins de pesquisa, garante-se que sua identificação será mantida em sigilo e que nenhum dado sobre sua pessoa será divulgado.

Fica, ainda, assegurada a liberdade dos participantes de recusarem-se a participar ou retirarem-se do estudo a qualquer momento que desejarem, sem que isso traga qualquer prejuízo.

Toda e qualquer dúvida, durante todo o estudo, poderá ser esclarecida pelos envolvidos nesta pesquisa através do telefone (51) 9845.3364. Os pesquisadores MARTINA SULEK e MARCIO PEZZINI FRANÇA estarão sempre à disposição para esclarecimentos. Possíveis problemas podem ser levados diretamente ao Comitê de Ética Central da UFRGS 3308.3629.

Eu, _____ (participante), declaro que fui informado dos objetivos e procedimentos que serão realizados nesta pesquisa, bem como sei dos meus direitos e dos deveres dos pesquisadores. Declaro, ainda, que recebi uma cópia deste Termo.

Porto Alegre, _____ de _____ de 2012.

Martina Sulek
RG: 6069223789

Prof. Dr. Marcio França
CRFa 6682 – RS

Participante
RG: